

QUINTA-FEIRA
Lisboa--2 de Agosto --1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

115

sempre
o fião

semanal
humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIAKO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

As ruas revolvidas ou a sorte grande dos sapateiros



— Isto ser estragos do revolução?
— Ná, Mossiú. E' o embelezamento da cidade. Ustedes são exigentes. Ainda não acham que Lisboa está linda assim?



Os ditos da semana



Carne congelada

Aquele Zappi, explorador do Polo, tinha, na verdade, o estofo dum verdadeiro explorador.

Assim que se deu o desastre do *Italia*, Zappi compreendeu que nada mais poderia explorar nas regiões árticas e resolveu, desde logo, para não perder o tempo, explorar o corpo dos seus companheiros e, começando por lhes explorar as roupas, acabava por lhes explorar o lombo em bifés de carne congelada, não faltando também, para sobre-meza o competente sorvete de metereólogo.

Zappi não se prendia com ninharias e uzava da sabedoria das nações aplicando o ditado: *come o teu companheiro, antes que ele te coma a ti.*

Sobre os gelos polares, montara Zappi o seu açougue, que tanto podia servir para esfoliar focas e ursos brancos, como qualquer companheiro que, fazendo-se urso, caísse na asneira de se deixar ficar ao alcance dos seus apetites.

Foi com verdadeira volúpia que, segundo dizem telegramas do estrangeiro, Zappi exclamou, na solidão terrífica do Polo, ao vê-se sosinho com o Major Mariano: — Em fim, sós.

Mariano era mais fraco, deixara-se vencer pelo frio e pela fome, e Zappi, que era pessoa de expediente, descascou-o convenientemente, vestiu-lhe a casca e deixou-o ficar apenas em cuecas, para que o delicioso acepipe em nada se parecesse com o bacalhau albardado.

E poz-se à espera que ele estivesse em condições de fornecer o almejado bifé.

Ha quem se horrorise deante deste quadro, ha quem verbera o procedimento de Zappi, mas Zappi era um homem do seu tempo, com grande vocação para fiscal dos impostos ou penhorista: primeiro a roupa de fóra, depois a camisa e finalmente a propria carne e até os ossinhos todos que a fome é negra e um homem não pode ficar sem jantar.

O peor foi o mau exemplo dado aos ursos. O caso causou-lhes serias apreensões, a eles, pobres animaes analfabetos que nada sabem da historia do mundo, nem da civilização europeia, ondes criam vocações daquelas.

E admira-se a gente de que os lobos desçam ás vezes ao povoado. Mal sabem eles que se podiam devorar uns aos outros, lá no alto das serras, sem ninguem dar por isso.

Não ha duvida de que a mis-

são do homem na terra é levar a civilização até os confins do mundo...

Águas Estamos na epoca das aguas. Aguas mornas, é verdade, com o calor que vai fazendo, mas aguas em todo o caso, liquidas e com qualidades terapeuticas apreciaveis.

Portugal é, felizmente, um paiz rico em aguas, tão rico que os nacionais pouca importancia lhes dão e deixam que os estrangeiros venham cá vende-las, como se fossem um nectar precioso. Em cada provincia e em cada canto, desde que o sr. Carlos Pereira não apareca a agua jorra abundantemente por toda a parte.

Do bem que as aguas fazem, falam bem alto alguns cidadãos que tendo levado a sogra a fazer uso delas se viram aliviados do seu pezo, tão certo é o reclamo que lhes fazem as estancias termas, annunciando:

— Aliviam imenso de todos os pezos.

Ha aguas para todas as doencas, para matar a sede e para deitar no vinho, porque o vinho que de mais a mais tem alcool, não podia atravessar uma estação calmosa sem ser batisado com agua fresca.

Um estrangeiro que leia a secção *Praias e Termas* dos nossos jornais, fica com a impressão de que Portugal é um paiz liquido como o Polo

Norte: aguas de Entre-os-Rios (não admira) aguas Radium, aguas de S. Vicente, aguas de S. Pedro do Sul, aguas dos Cucos, do Gerez, do Luzo, de Caldelas, de Vidago, das Pedras, de Sabroso, da Felgueira, de Saude, de S. Vicente de Aregos, de Canavezes, de Monchique, das Taipas, de Castelo de Vide barbas do Americo de Oliveira, da Curia, de Monte-Real, de Vizela, do Estoril e do Carvalhal, e até das Alcaçarias do Duque e D. Clara para não falar das aguas mornas com que se resolvem todas as nossas coisas, das aguas que crescem na boca do cidadão que vê partir o visinho para as aguas, e das aguas chilras da proza de alguns dos nossos escritores.

No nosso paiz é tudo agua e só assim se explica que a fabula do lobo e do cordeiro ande por aí repetida a toda a hora.

E afinal, num paiz de tanta agua, morre-se á sede e não ha agua que lave as nossas mãos de tantos pecados.

Em compensação ha a agua de Fatima que lava os pecados de todas as mãos.

Paiz ideal onde a agua murmura em fontes perenes, em fontes que dão saude, mas onde a população não se lava senão quando está doente.

Façam um inquerito á vida Lisboaeta, visitem as casas de habitação alfacinha, procurem, busquem e rebusquem por todos os cantos a vê se encontram as casas de banho. Existem algumas mas tem ou-

tra applicação: não são casas de lavar, são casas de sujar. Ah! valente Pinheiro Malucô.

Ah!! Porcalhões dum povol

O culto da poeira

Lisboa tem o culto da poeira. Antigamente tinha apenas o habito de deitar poeira nos olhos da gente, annunciando obras e reformas, fazendo muito barulho para nada. Poeira...

Agora o regimen é outro. Faz-se poeira de verdade. A Camara Municipal, de braço dado com as companhias estrangeiras que são donas disto, foram ás ruas, praças e avenidas e revolveram tudo.

No Chiado fazem-se verdadeiras excursões de alpinismo sobre montanhas de terra e pó, á beira de profundos abismos.

No Parque Eduardo VII, estabeleceu a Camara o deposito geral de pó, encarregando o vento de fazer a distribuição pela Avenida abaixo e de o levar até aos bairros eccentricos.

É mais facil atravessar o Saharah num dia de simoum do que fazer a travessia da rua Nova do Carmo.

Ha familias que tem desaparecido das paragens dos electricos, enquanto esperam um carro que nunca vem, debaixo duma nuvem de poeira.

É tudo isto para construir um parque que não ha, para lançar fios telefonicos que não falam, para estender cabos de electricidade que não dão luz, para instalar canos de agua que não pingam nem uma lagrima do precioso liquido.

O *Sempre Fixe*, presta as suas homenagens ao inventor do pó, e lança a ideia de se lhe levantar uma estatua no alto da Avenida. Para lhe dar a maior imponencia e todo o caracter que merece, propõe o *Sempre Fixe*, que se arraze a cidade inteira, reduzindo-a a um deserto de poeira no qual sobresairão apenas o Castelo de S. Jorge, o alto do Monte e o Zimborio da Estrela. Tudo o mais será um nada de poeira, coroado pela estatua do inventor do pó, a cavallo na população.

E os alfacinhas que não se sentirem com vocação para formiga emigrarão em massa para a outra banda, que Lisboa vista de longe deve ser uma linda cidade.

Memento homo quia pulvis est...



— Não posso aturar minha mulher. A minha vida com ela é um inferno!

— Tens bom remedio, divorcia-te.

— Pois sim, mas o diabo é que não sou casado...

UM ALVITRE

Nesta atmosfera de forno crematório em que vivemos, ha desgraçados que, pelas suas profissões, são dignos da nossa compaixão e merecem que alguma coisa se faça por lhes minorar o seu martirio.

Sob este calor torrido, verdadeiramente equatorial, os sinaleiros nos seus postos, no seu constante exercicio regulador do transitio, sentem decerto os horrores inquisitoriais dos autos de fé pelo suplicio do fogo.

Na Avenida, naquelas fatias de passeio que lhes deram para habitar, os pobres derretem-se pouco a pouco, com grave risco para a integridade da corporação a que pertencem. Nessas verdadeiras ilhas, que formam na Avenida o arquipelago dos sinaleiros, não existe ao menos o fresco oasis duma palmeira ou dum guarda-sol, que os ponha ao abrigo das ardencias climatericas.

E por vezes, naquele derretimento constante que lhes inunda o corpo, o suor dos desgraçados escorre em verdadeiros riachos, desde as ilhas em que habitam até ás valetas mais proximas, dando até a impressão de que eles infringem certas posturas policiaes, que teem obrigação de fazer cumprir sob a cominação de pesadas multas.

Ora, não ha direito de, neste seculo de civilização, se permitir um tal suplicio. Porque razão se não constroe em cada uma dessas ilhas um pequeno tanque em estilo arabe, ou pelo menos se não distribue a cada um uma banheira de imersão, permitindo-se que os desgraçados, apenas revestidos dum ligeiro fato de banho, regulem, delictadamente imersos, o transitio citadino?

Aí fica o alvitre, que nos parece realizavel e pratico, além de profundamente humano. Assim é que não está certo. E' uma penosa profissão, em que os desgraçados bem tragicamente ganham a sua vida com o suor do rosto e mesmo do resto.

C.

ESTAÇÃO CALMOSA

Wenceslao e as viagens em caminho de ferro

Aproxima-se a epoca em que toda a gente que se preza se mete horas e horas no comboio, sem ar, suando e sujando-se, a pretexto de se refrescar e limpar os pulmões com bom ar. Claro que a maior parte destas pessoas teem apenas em vista que o Vasconcelos e Sá lhes publique os nomes nas partidas e chegadas do Mundanismo.

Vejamos o que o meu amigo Wenceslao diz das viagens em caminho de ferro:

«Eu detesto o comboio. Parece-me uma invenção atrazada e estúpida. O facto de se ir sempre pelo mesmo caminho é já uma prova da mesquinhez deste processo de locomoção. Se o fumo da maquina não fosse pintando caprichosamente de negro as caras dos viajantes, todos acabariam por se aborrecer no interior dos vagoes.

Mas o pior das viagens em caminho de ferro é a obrigada convivencia com as pessoas que vão na nossa caruagem. Para um homem nervoso constitue isto um suplicio intoleravel. Recordo que uma viagem, em certa viagem, se sentou frente a mim um respeitavel senhor. Vestia um fato cinzento; acomodou as malas e cumprimentou-me amavelmente. Dez minutos depois, trocou o chapéu por uma boina tambem cinzenta. Cansado de contemplar a horrivel paisagem da janela, não tive mais remedio que contemplar o meu horrivel companheiro. Dispunha dum destes rostos vulgares, dos quais parece que se tiraram inumeras edições e que nos parece ter já visto por toda a parte. Como ele tambem não podia evitar o espectáculo da minha pessoa, uma vez que iam sós, começou a nossa situação a tornar-se embaraçosa. Nos primeiros trinta minutos soffri o espectáculo com bastante resignação, mas quiz a minha desgraça que o meu homem se lembrasse de beber um copo de agua e que uma gota de agua, clara e brilhante como uma pedra preciosa, lhe ficasse retida nos cabelos do bigode. Parecia vir a cair, mas não caía nunca.

Devo confessar que não posso soffrer semelhante espectáculo. Para mim, ver uma coisa que ameaça cair e não cai é a maior tortura do mundo. Tenho horror ao inestavel. Fujo dos equilibristas e tenho atrado ao chão muitos pratos e copos só por me lembrar que podem cair. Não comprehendendo como se pode viver em certas terras onde ha umas pedras oscilantes que se apresentam como maravilhas.

Nunca padeci tanto como ante o espectáculo daquela gota de agua.

— Cai!... Não cai!... Agora!... Ainda não!... — dizia a mim mesmo, observando com angustia os seus ligeiros movimentos. E a gota não caiu, ter-

minando por se evaporar invisivelmente.

O homensinho acabou por me oferecer um cigarro. Oferecer um cigarro no comboio quer dizer: «Sinto a necessidade de que falemos». Regeitei o cigarro, mas não poude evitar a conversa.

— Quê? Val muito longe?
— Regular — respondi.
— O senhor é de aqui?
— Um pouco mais para lá.
— Muito para lá?
— Assim, assim...
— Ah! — exclamou, como se ficasse convencido. — E viaja muito?

— Tenho três amigos que viajam menos — respondi comunicativamente...

Vendo que não conseguia nada de mim, abriu um embrulho e exhibiu um frango assado e alguns pasteis de bacalhau. Tenho verificado que todas as pessoas que viajam com farnel o fazem sempre com frango assado e pasteis de bacalhau. Em certa altura, entrou-lhe uma partícula de carvão num olho. Acudi em seu auxilio, mas ele pretendia que eu lhe tirasse o carvão sem abrir o olho. Nas minhas tentativas, arranquei-lhe tantas pestanas que ele terminou por declarar que preferia o corpo estranho ás dôres que eu lhe causava.

Uma estação depois, foi o compartimento invadido por uma mãe com seis filhos.

Os crios quizeram começar por tr de pé sobre os assentos; depois, de baixo deles e, por ultimo, na rede das bagagens. Gritaram, choraram e até creio que blasfemaram. Se não foram eles que blasfemaram, então fui eu. Mas estou certo que se blasfemou.

Um dos estuporsinhos pequenos trepou para cima de mim sem cerimonia e roubou-me a janela. Foi-se escurecendo tanto com o fumo que não sei como a mãe ainda o conhecia. Ao passar por uma ponte, caiu ao rio. Não é verdade que eu o tivesse empurrado, como a mãe chegou a afirmar. As mães exageram muito. Eu justifiquei-me dizendo-lhe, no bom proposito de a consolar, que o menino estava tão sujo quando calu que já não podia servir para nada. Pareceu-me que a mãe não se convenceu com esta honrada opinião. Mas o senhor de fato cinzento felicitou-me depois no corredor.

As viagens em caminho de ferro decorrem, mais ou menos, ao redor destes episodios, que Wenceslao descreve com um espirito de que eu seria incapaz, sobretudo com este calor, que me obriga a secar em duas viagens diarias no comboio que me permite a illusão de me refrescar em Oeiras.

Perez la chaise.



— Paezinho porque é que o 4 vae á frente do numero 1?
— Porque os ultimos são sempre os primeiros.

O calor e a falta de agua

«Com este calor, o nosso temperamento ardente transforma-se num bloco de gelo.» — A. P.

(Forte ascieira dum empregado bancario que se julga com queda para literato)

O calor, embora muitos supenham o contrario, é o melhor entretenimento para o português.

Se ele não nos visitasse, estaríamos impossibilitados de ver as damas semi-nuas e ignoraríamos a existencia do sr. Carlos Pereira, o celebre dictador daquela Companhia que faz negocio com uma coisa que tem mas não dá: agua!

Tal falta não me preocupa, pois no meu lar uso apenas a conhecida Luisa Agua... do Poço do Borratem. Escusado será dizer que tambem não noto a escassez de agua para o Banho, pois nesta epoca ando sempre com as minhas banhas... banhadas de suor. Quem decerto não concordará comigo é alguma menina solteirona que se desfez em pranto na noite de S. João, por não ter o precioso liquido para o conhecido bochecho.

S. João ficou pesaroso, mas S. Pedro está satisfeittissimo com o sr. Pereira, pois na sua noite viu aumentar colossalmente a multidão de fiéis na tradicional ida á fonte.

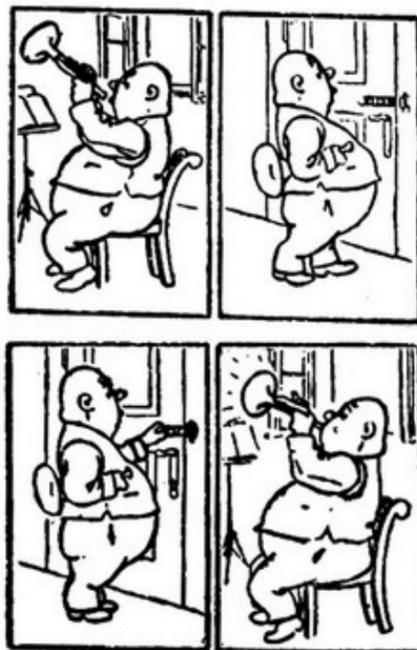
Este caso é tragi-comico, porquanto se o povinho diz ao sr. Pereira: «Vai vender agua!», ele, com aquele descaramento que possui e que mede alguns metros cubicos, como qualquer contador quando ha agua, responde-nos: «Vão á... fonte!»

E vamos! Vamos á fonte, já que infelizmente não serve de nada irmos protestar áquela parte... onde existe uma Secção de Reclamações: á Companhia das Aguas.

E enquanto o sequioso Zé Povinho, assistindo á infindavel polemica entre a Camara e a Companhia, grita: «Não molhem mais... a Agua!», o sr. Carlos Pereira, que todas as manhãs toma o seu banho numa bacia onde cuidadosamente despeja o conteúdo de duas garrafas de Vidago, murmura: «Sou um Ditador e... péras!»

Mas a verdade é só esta: o sr. Carlos está a pedir uma grande pera e o Zé Povinho, para a sua inercia, um grande balde de agua... ou um pano encharcado na dita!!

Recix



O sr. Muller, que vai estudar a sua lição de corneteiro, por consideração para com o visinho, fecha a porta á chave.

ARTI



A tinta mais reputada para tingir toda e qualquer especie de tecidos. A que mais tinge, cores firmes e garantidas. Não desbota á luz, nem na lavagem. **IMPORTANTE** — Sempre que peçam a tinta **ARTI**, registem qualquer outra marca que lhes queiram vender, embora lhes digam que dá o mesmo resultado, pois só a **ARTI** tinge assim.
A' venda nas drogarias

Tiro Nacional

O dr. Antonio Martins, nosso representante nas Olimpíadas de Amsterdam, ganhou no Stadium dessa cidade o campeonato de tiro com arma de guerra (de pé), quasi ao mesmo tempo em que o regimento de artilharia 3 ganhava em Lisboa o campeonato mensal de tiro de canhão (em posições ainda não conhecidas).

Isto, que para nós é apenas uma coincidência, é para os estrangeiros altamente significativo.—Não se compreendia, realmente,—dirão eles—que um país tão treinado com arma de guerra, em cuja capital existem carreiras de tiro em todas as ruas, em que se disputam quasi semanalmente campeonatos inter-regionais e inter-ideais,—se classificasse mal num campeonato de arma de guerra. Os esgrimistas—estamos plenamente convencidos—devem obter igualmente um bom lugar; e se o «pau» fôsse jogo que também fizesse subir no mastro olimpico a bandeira dos vencedores, mostraríamos a todo o mundo que temos por cá pau para toda a obra...

Ainda nos restam, dos antigos campeonatos que ganhou brilhantemente a padeira de Aljubarrota, D. Beatriz de sua graça, alguns fervorosos adeptos de tal sport, capazes de varrer a varapau o Stadium de Amsterdam em peso.

Num campeonato de lançamento de bomba, estamos crentes de que nos classificaríamos também brilhantemente. E', porém, natural que nos não permitissem a inscrição, na qualidade de profissionais.

O que nos interessa, porém, neste momento, é a brilhante vitória do dr. Antonio Martins e as conclusões que os estrangeiros que pejam Amsterdam tirarão da sua classificação.

O nosso illustre representante será olhado pelos assistentes ao torneio como um temível facinora que tivesse obtido em dezenas de revoluções e com o assassinato voluntario de centenas de compatriotas o treino necessario ao seu triunfo. Exceptuamos da assistencia os mexicanos, que o olharam com fraternal simpatia.

E embora sem informações minuciosas a tal respeito, acreditamos piamente que o campeonato olimpico com arma de guerra, de pé, foi este ano ganho, não só de pé, mas—e isto é o principal— aos pés juntos.

Anibal Nazaré.

Sortes grandes

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

VERANEANDO



—Queres fazer o favor de pôr as flores na mesa de cabeceira enquanto eu leio o jornal no jardim.



—Quem é essa jovem que tanto se tapa?

—Uma rapariga loira, galante, que tem um tumor no joelho direito.

—Que detalhes!... Você já a viu tomar banho alguma vez?

—Não, mas vejo-a todos os dias na rua.

O ANIVERSARIO DE D. LUCRECIA

A D. Lucrecia é uma' perfeitissima senhora que, embora vergada pelos anos, as drogas, aparentemente, conservam em bom estado.

No dizer de alguém—é enigmática. Enigmática a ponto de lhe chamarem: «Quebra cabeças»... ás visinhas que a contrariam.

E' uma dama da alta sociedade, elegantissima, modernissima... emfim, as palavras que terminam em «ssima» são todas com ela.

E' uma mulher ideal e faiscante e, consequentemente, os pretendentes são inumeros. Os seus olhos verde-claros e salpicados de amarelo são encantadores, vivos e expressivos.

Dá gosto admirar a acuidade do seu olhar magnetico, penetrante e embriante, quando, de olhos fechados, passa pelo sono. O seu corpiño é flexivel como uma lagarta de couve e a sua cinturinha delgada, estilo boneca de capelista, é graciosa. E' uma dama elastica e electrica.

Reside num luxuoso palacio em Almada, rodeada de conforto e burros. Quando para lá se dirige, a canoa que a transporta caminha precedida por um cortejo de gaivotas de todos os tamanhos. Chegada a Cacilhas, todos os burros zurram em sua homenagem.

Creados de librê com luvas brancas e meias de costura levam-na nas pontas das unhas até ao palacio.

No seu palacio reúne de ordinario a fina sociedade elegante. A ultima festa a que assisti foi a do seu aniversario natalicio, em Fevereiro.

Os convidados aguçaram os dentes com oito dias de antecedencia e murmuraram-se de palitos. O jantar decor-

reu animadamente; porém, quasi no fim, um conviva folião a quem os vinhos espirituosos deram espirito, levantou-se e disparou-lhe:

—D. Lucrecia, queira dizer-me a sua idade?

A D. Lucrecia, engasgada, ruborizou, tirou o guardanapo e, gaguejando, respondeu:

—Trin...ta.

—Pois bem—continuou o folião—estou satisfeitissimo por saber, finalmente, a idade de V. Ex.ª e faço ardentés votos para que tenha mais um ano de vida e novamente me convide... De hoje a um ano desejarei outro ano de vida e assim sucessivamente.

A D. Lucrecia fingiu não se zangar e esboçou um sorriso amarelo riscado de rugas, retorquindo:

—Tenho pena, meu caro, mas é completamente impossivel convidá-lo no proximo ano, assim como foi nos anos anteriores.

O folião, já toldado pelo alcool, teve uma vertigem e um vomito e deixou escapar, quasi em segredo:

—Porquê? E' enigmatico.

A D. Lucrecia, piscando os olhinhos emoldurados com baton, continuou:

—Sou enigmatica, eis o que dizem, embora mal. Eu, nem encubro a idade, pois já passei dos 26, que tinham engasgados, nem evito fazer convites...

E, depois de uma pequena pausa, continuou, sorridente:

—E' que eu, quando faço anos, faço quatro duma vez. Nasci em 29 de Fevereiro, dia que aparece de quatro em quatro anos.

Viterbo de Campos.

Alexandre de Almeida



Um patriota que instalou o estrangeiro no seu paiz...

SALVEMOS OS RAPAZES!

Amador de policias

O dicionario de Morqis apresenta-nos a seguinte definição de Cunha:—*Pedaco de madeira rija em forma de plano inclinado que serve para rachar lenha.*

Mas nem sempre é assim. E o *Sempre Fixe* resolve propôr o seguinte aditamento:

Cunha:—Rapaz epiceno que procura um pedaco de madeira que o rache.

Aquele que nós conhecemos encontrou o pedaco desejado num garboso policia que estacionava na Junqueira.

Vê-lo e amá-lo foi obra dum momento. Aproximou-se saltitante e declarou-lhe:

—O senhor é que me podia fazer feliz...

O guarda puxou pelo roteiro e perguntou:

—Para onde é que quer ir?

—Para onde o senhor quiser!

—Essa agora!

—Gostava tanto de o fazer feliz!

—Oh, homem! Siga pela direita, senão dou-lhe com o *casse-tete*.

—E eu dava-lhe um predio no... Campo Grande...

—Está preso!

—Estou... Estou preso dos seus encantos de homem...

—Acompanhe-me!

—Ora até que emfim que se resolveu. Eu, comsigo, vou até ao fim do Mundo!

E foi! Foi até ao Torel...

Aquele guarda ingrato apresentou-o ao cabo da guarda:

—Está aqui este homem que diz que se chama Galinha e que parece que o é. Quería que eu atraísse a minha Genoveva.

O Galinha refflou:

—Mentroso! Eu não sabia que ele era casado!

Mas foi para o calabouço. E passou a noite a cantar dolentemente o—*Ay! Ay! Ay!*



O marido da senhora faladora ao lobo do mar:—Se você lhe dá corda estamos perdidos.



—Deus meu, faz com que se convertam em cavalos selvagens os meus cinco cavalos.



—Não ha nada como uma sorveteira para a gente passar um verão fresco.

Elevador da Gloria PELA DIREITA EM RUAS TORTAS BOM HUMOR

Nesta altura do ano, o chefe de família que se preza embarca com a prole e mais animais aderentes para qualquer praia suburbana de Lisboa. Começa então o seu martírio. Não dorme, come mal, chega sempre tarde à repartição e, quando volta a casa, pelas seis da tarde, estafado, sobrecarregado de embrulhos, destilando suor por todos os poros, sem missa cantada:

— A esta hora! — exclama a consorte. Andaste pela rua do Ouro a vêr as mulheres. A mim não me fazes tu ninho atrás da orelha. O esposo, que não é passaro, debica, tristemente, a sopa. Inflama-se com o guizado. Reconhece a dureza da carne assada. Ah!, por alturas do café, está a cair de sono.

— E se eu fesse dormir!
— Sempre me saíste um asno! — classifica a esposa. — Então tu vens para a praia dormir! Ignoras, por acaso, que tens filhas! Que é preciso fazê-las respeitar, no Casino.

O chefe de família enverga um fato de circunstancia e vai ao Casino. Cinco minutos depois, as suas duas filhas desapareceram por detraz das palmeiras. A esposa fez uma vaquinha e joga, perdendo desenfreadamente. Como consolação, restam-lhe duas revistas de 1908, que ele lê até agormecer.

Pelas duas horas da noite, é acordado com violencia pela mulher:

— Emprestas-me vinte mil réis!
— Oh filha! Olha que eu amanhã não tenho para o comboio.

— Não faz mal: ficas em casa.
— E o ponto?
— Está ali um que já perdeu quinhentos mil réis. E' verdade: Onde está a Alice? E a Mariquinhas?

Ei-las. A lua, invisível e distante, tornou-as palidas. E é no mesmo estado de amorosa palidez que as seguem dois mancebos de fôrmas originais.

Ao outro dia, o chefe de família, não dormido, com as algibeiras esgotadas, coberto de pó, entra na repartição. O chefe repreende-o:

— Desconheço-o. O senhor está desleixado. Essas viligeaturas dão cabo de si. Hoje não o deixo sair mais cedo.

— Por amor de Deus, chefe! Tenho um chá de caridade e uma recita de amadores.

— Mas o senhor vai representar de dona de casa?
— Não. De carneiro, meu querido amigo, de carneiro.

Eis, em poucas linhas, a tragedia dum pai de família, na linha do Estoril.



— Que tráz o correio?
— Um jornal de 12, outro de 8 e outro de 20.

— Caramba. Nem as noticias são frescas...



— Um cavalheiro pergunta pela senhora.

— E' o preto que eu esperava?
— Não sei. Não lhe preguntel.

Jeronimo Cristiano nasceu em 13 de Setembro de 1905 e faleceu em 15 de Junho deste ano.

Como teve a infelicidade de ficar sem pai antes do nascimento e sem mãe pouco depois, foi criado por um tio que tinha em Lisboa e que serviu de ama sêca.

O sr. Serapião, assim se chamava o tio, foi guarda-portão duma gaiola das Avenidas. Sempre carinhoso, mandou o rapaz para a escola, onde ele, graças á sua intelligencia, aprendeu quanto lhe ensinavam. Feito o segundo exame com distincção, segundo a vontade do tio, iria para a barbearia do Jorge Escama aprender o officio.

O Jeronimo não queria e chorava quando o Serapião lhe falava em tal.

Durante uma semana, o rapazito sonhou com navalhas, pentes e escovas.

Sem resultado, o Serapião teimou até que, banhado em lagrimas e entre soluços, o Jeronimo lhe disse: «Meu tio. Eu não o quero contrariar, mas... mas quero ser guarda-livros.

O Serapião pensou um bocado e respondeu:

— Isso não é futuro. Eu sou guarda-portão e, embora converse com os moradores do predio, passo uma vida aborrecida; portanto, tu, guardando livros, acabas por dormir sem guardares coisa alguma.

O Jeronimo, que compreendeu a ignorancia do tio, elucidou-o e ficou resolvido que iria tirar o curso, mas por correspondencia, isto é com rapidez e economia.

Algumas cartas se trocaram e, não sei se devido á intelligencia do rapaz ou á facilidade do método das partidas meudas, ao fim de quinze dias foi recebido o diploma, que o tio affixou na parede para ser visto por todos.

Os olhos do rapaz brilhavam como

pirilampas e tinham fulgurações do espelho bisauté rachado. Com o curso de guarda-livros e o respectivo diploma, que serve para... certificar a habilitação, facil lhe foi conseguir colocação como praticante no escritorio duma agencia funeraria.

Fizeram um contrato, que concedia 100 escudos de vencimento mensal e funerais gratuitos para todas as pessoas de familia. O patrão achou o Jeronimo expedito e vivo para o negocio de mortos. Passado um mês, como estivesse satisfeito, deturpando o contrato, deduziu 20 0/0 no vencimento e, em compensação, varias vezes mandou o Jeronimo falar com os mortos, receber contas ao Alto de S. João, tirar a temperatura do forno crematorio e deitar a lingua de fóra para humedecer estampilhas e etiquetas.

O novo regulamento do transito matou o avô, a avó, o tio, quatro primos, duas primas e três tias do Jeronimo, tendo o patrão, de conformidade com o contrato, que fazer gratuitamente os funerais a doze pessoas. O Jeronimo foi despedido e foi chorar a sua desgraça para a rua Augusta. Tanto ouviu gritar «Pela direita!» que ficou surdo do ouvido direito. A febre atacou-o e já tinha 40 graus á sombra.

Um sinalheiro que bamboleava o cacetete indicador deu-lhe tal cacetada que o infeliz ficou cego do olho direito. O coração mudou-se, de conformidade com a lei, para o lado direito e o rapaz tambem. Um automovel atropelou-o e o rapaz reparou nas setas pretas e encarnadas e pareceram-lhe multicores.

Imediatamente, pela direita em ruas tortas, correu como uma lebre e, já louco, entrou no Manicomio, onde faleceu, sem assistencia medica, quatro horas depois.

Pequena diferença



— Olha lá, tu notas alguma diferença entre o Carlos Pereira da Companhia das Aguas e um galego?

— Noto. O galego vende a agua que tem e o Carlos Pereira vende a agua que não tem.

— Natalia!... Porque não responde quando a chamo?

— Como a senhora disse que cá em casa não quer criadas respondonas...

Na agencia de seguros:

— Como quer que a indemnize? O seu marido não tinha seguro de vida. Só tinha um contra incendio.

— Pois é esse que eu reclamo. Não sabe que ele foi incenerado...

Entre amigos:

— Toleras que digam de ti tantas mentiras?

— Deixa lá!... Enquanto não disserem a verdade...

Na loja:

— Os seus termómetros são muito caros!

— O melhor é aproveitar a occasião. Com o calor não tardam em subir de preço...

— Minha mulher está constipada. Hoje não pode cantar.

O amigo: — Bela occasião para ir jantar hoje a tua casa...

O medico: — Já experimentou fazer gargarejos com agua salgada?

O doente: — Ha dois dias que atravessei a nado o canal da Mancha...

O millionario: — Como tem você o arrojo de pedir a mão de minha filha, ganhando um ordenado tão ridiculo?

O pretendente: — Eu lhe explico. Se estou ganhando um ordenado tão ridiculo é porque não julguei prudente renunciar a ele antes de me assegurar que casaria com sua filha...

— Minha filha, não deves falar nesses termos dos nossos inimigos.

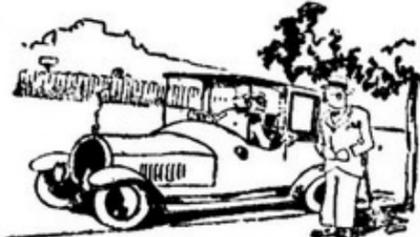
— Mas era da minha melhor amiga que estava falando...

— Diz você que atravessou o Tejo, a nado, mas ninguem o viu. Porque fez isso sem ninguem o vêr?

— Porque acabava de ter uma scena violenta com minha mulher...



O homem magro pisado pelo gordo
— Cavalheiro, tenha a bondade de levantar o pé, que eu vou aprear-me.



— Toma. O que sobra é para ti.
— Faltam duas pesetas.
— São para ti tambem.

Uma caçada ao crocodilo

(A scena representa o interior de um pavilhão de caça).

O caçador historiador:— Vou contar-vos, meus amigos, como o tio Tomás, o meu velho tio da America, caçava os crocodilos com uma maquina de costura.

Côro dos caçadores ouvintes:— Com uma maquina de costura?

O caçador historiador:— Sim! O pobre e querido velhote era a mais extraordinaria esponja de whisky e o mais eficaz mata-borrão para gin do Novo Continente, que nesse tempo ainda não estava submetido a lei seca.

O tio Tomás fez, pois, construir uma maquina de costura especial.

Prendia-se um preto gordo à frente da maquina. Atraído pelo cheiro da carne fresca, o crocodilo saía da agua e avançava para o preto, que era engulido duma vez só. Mas, logo que o bicho fechava as guelras, um mecanismo engenhoso colocava-lhe as maxilas sob a agulha da maquina. O meu tio Tomás só tinha que pedalar e a maquina cosia rapidamente as duas horribes maxilas, uma contra a outra. O crocodilo ficava, pois, caçado e cosido.

Côro dos caçadores ouvintes:— Maravilhosa invenção!

O caçador historiador:— Ora, um dia, o meu tio Tomás convidou o sacerdote Mac-Mick a ir caçar o crocodilo com ele.

Durante todo o caminho, o padre fez sermões a meu tio sobre a sua paixão pelos licores fortes. Mas o meu tio não ligava nenhuma e, de cinco em cinco minutos, levava cinicamente à boca a sua cabaça de whisky.

Quando chegaram à borda do rio, o tio Tomás colocou a maquina de costura deante de si, enquanto o digno sacerdote Mac-Mick, sentado numa pedra, esperava com curiosidade a chegada do primeiro jacaré.

De repente, quando um crocodilo avançava para eles, o meu tio Tomás soltou um grito terrível:

—Salve-se quem puder! Esqueci-me do carrinho do arame!

E os dois caçadores fugiram, perseguidos pelo monstro.

O pobre tio Tomás tinha absorvido tanto whisky nesse dia que se viu atrapalhado para conservar o equilibrio na corrida.

—Vês, Tomás— exclamou o sacerdote— vês onde te conduziu a intemperança? Por causa do danado whisky, não podes fugir com rapidez e, daqui a alguns segundos, o Senhor vai-te chamar à sua presença, por intermedio desse horrivel jacaré!

Côro dos caçadores ouvintes:— E o infeliz tio Tomás foi engulido pelo crocodilo?

O caçador historiador:— Não! O padre Mac-Mick é que foi engulido. O digno sacerdote ignorava que, para escapar aos crocodilos, é necessario fugir em zig-zags.

Os perigos da distração

«O desventurado argentario, ao dirigir-se para o water-closet enganou-se na porta e, abrindo a da saida do aparelho, precipitou-se no espaço.»

(Dos jornais).

Encontrei no outro dia o meu amigo Atanasio Macio, literalmente carregado de luto. Trazia a ponta do nariz mascarrada e fumava um cigarro «Negrita».

Quando me viu, caiu em meus braços num soluçar comovedor.

—O que te aconteceu, meu caro Atanasio?— inquiri, solícito, tentando-lhe embargar com o meu lenço de assoar o caudal efervescente das lagrimas esmeraldinas que corriam do seu descarnado e palido rosto.

—Deixa-me cá, querido amigo, o meu desespero é enorme. Calcula que morrei a minha querida sogra, devido a umas dessas lamentaveis distrações que ocasionam as maiores desgraças. E tudo por minha causa.

—Mas tu não me dizias que a tua sogra era uma fera da pior especie? Acho que o teu desespero é injustificado.

—Mas isso era dantes, meu caro, quando ela era viva. Agora que morreu, digote que não podia haver sogra mais carinhosa.

E novo e copioso pranto correu do rosto do meu amigo.

Como o visse completamente dominado por uma crise de nervos que lhe impedia sustar as lagrimas, convidei-o a acompanhar-me a um café para beber um copo d'agua. Sentados e tirados os chapéus que nos incomodavam devido á intensidade do calor, pedi ao Atanasio Macio que me explicasse claramente o motivo da sua dor.

—Eu te conto. Lêste nos jornais aquele caso do banqueiro que, viajando em aeroplano, se lançou no espaço, por distração?

—Li, sim, e depois que ligação tem isso com a morte de tua sogra?

—Pacienta-te, eu já te elucido.

Uma noite destas, estava na sala azul, a minha sala de estar. Envergava o meu pijama com botões de bico de canario, tendo ao colo a minha sogra. Afagava-lhe os dois unicos cabelos que possuía na calva cabeça, porque a pobresinha, sofrendo de insomnias, só assim, e ao cabo de meia hora, três quartos e dois decimos, conseguia resonar que nem uma porca. Minha mulher ponteava umas peugas que ia calçar no dia imediato, depois de ter lavado os pés. Com a mão que tinha livre, peguei no *Noticias* e logo por azar se me deparou a noticia do desastre sofrido pelo milionario belga.

Como me visse absorvido na leitura

do periodico, a minha mulher pediu-me que lêsse em voz alta o que tanto me estava interessando.

A minha completamente falecida sogra não pode evitar o seu costume do aparte:

—Naturalmente, é o anuncio de alguma sujeita que pede pequeno emprestimo a cavalheiro respeitavel. E casei eu a minha filha com um biltre destes!

E enquanto eu, placidamente, continuando afagando os seus dois pelinhos, minha sogra pregava-me um belisco numa perna e minha mulher partia duas jarras da China, de Sacavem, seis *bibelots* e as vinte e quatro pernas de seis cadeiras com fundo de palhinha.

Conciliados os animos das minhas cara metade e cara sogra, este teu caro amigo leu então a noticia que tanto o interessava:

«PARIS.—O milionario L., viajando de avião em companhia de duas dactilografas, um criado de quarto, uma pasta, um livro de cheques e uma onça de tabaco «Superior», sentindo uma necessidade urgente, dirigiu-se ao «water-closet». Pensando numa piada fresca que tinha dito a uma das dactilografas, abriu a porta de saida do aparelho e precipitou-se no espaço.»

A minha sogra ficou bastante consternada e anichou-se mais no meu seio. A minha mulher, trémula de emoção, partiu mais duas jarras, seis *bibelots* e arrombou com o fundo ás seis cadeiras, a que já faltavam as respectivas vinte e quatro pernas.

—Sempre ha gente muito distraida, —disse eu para quebrar o silencio sepulchral que reinava entre os meus.

E com a minha sogra nos braços, diriigi-me á janela de sacada do meu quinto andar, a fim de deitar fóra a beata dum cigarro que acabara de fumar.

Olho para baixo, a vêr se passava alguém. A rua estava deserta. Então, estendo o braço e deixo-a cair no espaço...

Neste ponto, Atanasio Macio, não conseguindo soffrer a comoção, volta a soltar ruidoso e copioso pranto.

—Mas, meu amigo— digo-lhe eu— não percebo como tal facto influiu na morte de tua pranteada sogra. Pegou-se o fogo ao predio com a ponta do cigarro e morreu ela assada?

—Não, nada disso. Esquecia-me dizer-te que, em vez da beata, foi a minha sogra o que atirei da janela abaixo...

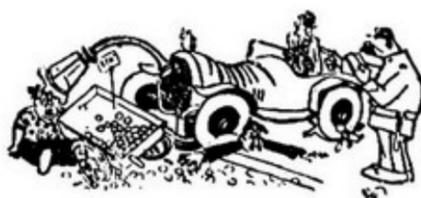
F. G. Costa.

A FESTA DA FLOR



O cliente:— O sr. tem grande fé nas excursões de verão? As aguas das aldeias devem produzir grandes beneficios.

O doutor:— Sim, senhor. Ha tipos que me rendem mais de duas mil pesetas.



O guarda — O seu nome?
O condutor — Prudencio.

Musica de corda

Ser musico era uma coisa que, em tempos que já lá vão, custava caro e do corpinho saía. Não se era musico impunemente! Queimavam-se as pestanas, estafava-se uma pessoa a solfejar e, antes de se chegar ao fim, marcava-se sempre um grande compasso de espera... Agora, com a civilização, com esta comodidade do século XX, que é uma comodidade estofada a crina, uma comodidade que tem molas e almofadas nas costas, compra-se, a trôco duns escudos em notas sujas, uma grafonola com notas boas gravadas em discos de todas as nacionalidades, e sem querer todos são musicos, todos tocam, a começar no chefe da familia e a acabar na criada da cosinha. Qualquer burguês pode ter em casa o Caruso, o Chevalier, a Raquel Meller, os violinistas mais celebres de todo o mundo, a maior orquestra de jazz, a Adeline Fernandes, o Menano e o Pinheiro Maluco; qualquer *borra-botas* é senhor de tudo isto, qualquer pode obrigá-los a cantar e a tocar sempre que muito bem lhe apetecer e até delatá-los pela janela fóra se tanto lhe der na gana!

O tendeiro ali da esquina trata-se por tu com as maiores celebridades e o carvoeiro, que é homem que só pensa no seu negocio, ouvindo ha dias um disco da Berta Singerman, atirou um berro e um valentissimo *ora bolas* enquanto pesava um quilo de sôbro. Afirmava ele que, se fôsse a fazer a vontadinha, besuntava a tal *madama* com um litro de *pitrol* e largava-lhe um *fosfe*...

A grafonola invadiu as residencias outr'ora tranquilas de todos os meus visinhos. Assim que anoitece, abrem-se as janelas de par em par para entrar o fresco e para deixar sair toda a variedade de sons. Daqui do lado ouço horas seguidas uma malaguenha tão parecida e com um sapatado tão bem feito que era capaz de fazer inveja ás proprias espanholas; dali, do predio da esquina, em casa duma senhora que vai ser mãe e que parece estar de meio tempo, depois de se terem afastado solenemente os ultimos murmurios da *Média Luz*, rompe o *Yes sir that's my baby!*, como se a gente duvidasse, e acolá, da janela fronteira, um gramofone antigo e roufenho geme o *Cobre-me! Cobre-me!* com um calor destes!!

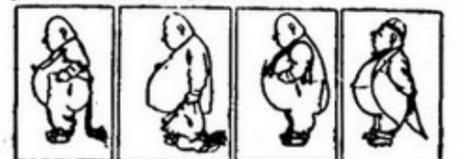
Já não ha ninguem que não toque! O manejo destes aparelhos é simples e qualquer animal, por muito burro que seja, aprende depressa a dar á manivela. Trata-se duma questão de corda, uma questão simples, sem despesas de advogado, e o resto, a parte que diz respeito ao funcionamento da agulha, resume-se a metê-la. Ora como isto de meter, numa epoca em que toda a gente mete a unha, é a coisa mais facil deste mundo, toca-se grafonola em varios andamentos, com o pequeno incomodo de se meter a gente a isso... Entretanto vou eu vêr se meto um requerimento ao sr. comandante da policia, pedindo-lhe que submeta ao silencio as grafonolas de todas as idades, depois da meia noite...

Sete e Meio.



—Vês, meu filho? O carinho torna sociaveis até os animais mais assustadiços. Vê como os passaritos andam tranquilos pelo chão.

—Olha lá, paisinho, e não será por já não terem lugar no ar.



—Ahi vocês estão apertadas. Ora vamos a vêr se me servem ás avessas.



O que se diz e o que se não deve dizer

O campeonato do mundo de "box,"

Tunney bateu Heeney, conseguindo assim conservar o seu título de campeão do mundo de *box*.

Todos os jornais descreveram a pugna — e todos se referiram minuciosamente ás quantias ganhas por Gene Tunney.

Ora, tirante os milhões que o negocio deixa como consolação das achatadelas de nariz, não é um officio agradável o ser campeão — e especialmente o ser campeão de *box*.

Os que abraçam a carreira dos desportos sabem por experiencia propria o que custa a ser o melhor homem da sua categoria. Não falaremos já das severas exigencias do treino. Mas a verdade é que, uma vez o campeão içado ao pedestal, vê-se obrigado a fazer sentinela vigilante á roda do titulo, donde os seus rivais pretendem apae-lo.

Chega mesmo a ser menos valioso para o atleta conseguir a victoria do que conservá-la muito tempo.

E' uma primazia que se apoia na força: — é efemera como a propria força.

Sen, nunca ter dado sócos num *punching-ball*, é facil conceber o tormento que se apodera dum campeão de *box* quando envia para o pais dos sonhos, com um delicado *uppercut*, o seu adversario. Embora o culto excessivo do musculo lhe tenha deixado pouca imaginação — deve imediatamente pensar que um dia virá em que se ha de encontrar tambem de papo para o ar, com os braços em cruz, por efeito dum *uppercut* tão delicado como o que acaba de aplicar ao adversario.

Sob este ponto de vista, as galinhas são mais felizes. Não sabem que ainda hão de ser comidas — enquanto que o campeão sabe, *por definição*, que fatalmente, um dia, deixará de o ser...

A força dum campeão reside na fraqueza dos outros. Infelizmente, po-

rêm, para ele, anda sempre com recelo de encontrar alguém que lhe possa dar agua pela barba...

E o pior é que, na historia dos desportos, todos os campeões tem encontrado um barbeiro...

E' uma regra de *sport* muito dura a que diz que, sem deshonra e sem arriscar-se a perder automaticamente a corôa, nenhum campeão pode fugir a um desafio que lhe lancem.

Tem que provar constantemente a sua realzeza — a sóco...

E as realzezas que só tem esta *ultima ratto* não são duradoiras...

O sabio, o poeta e a cantora tem o direito de se retirar da scena do mundo em que obtiveram exitos. As suas descobertas, o seu génio, a recordação da sua voz, bastam para lhes garantir a gloria.

Os proprios toureiros, depois da for-

tuna feita, tem o direito de cortar a *coleta* e de se retirar, para gosa-rem a prosperidade entre a consideração publica. Nenhum touro, *Palha Blanco* ou *Miura*, que lhes lançasse um repto para um novo encontro na arena, conseguiria deshonrá-los se se recusassem a retomar o estoque.

O campeão de *box* não connece estas felicidades. Se abandona o *ring*, accusam-no de ter medo...

E, a não desertar, lançando a esponja duma vez para sempre, só lhe resta uma solução: — levantar a luva que lhe lancem.

Continuando a bater-se, além dos dentes que isso lhe custa, põe sempre em jogo o seu titulo e ha de acabar por ser batido.

Por isso, no momento de entrar no *ring*, a unica saudação que pode dirigir á deusa dos combates é a dos gladiadores romanos: — *os que vão morrer te saudam...*

Se não morrer dessa vez... morrerá duma outra...

Estamos convencidos de que, para a imensa maioria dos espectadores que vão assistir aos combates em que um pugilista illustre tem de defender o seu titulo, o principal atractivo do encontro consiste na secreta esperanza de vêr o desmoronar do campeão.

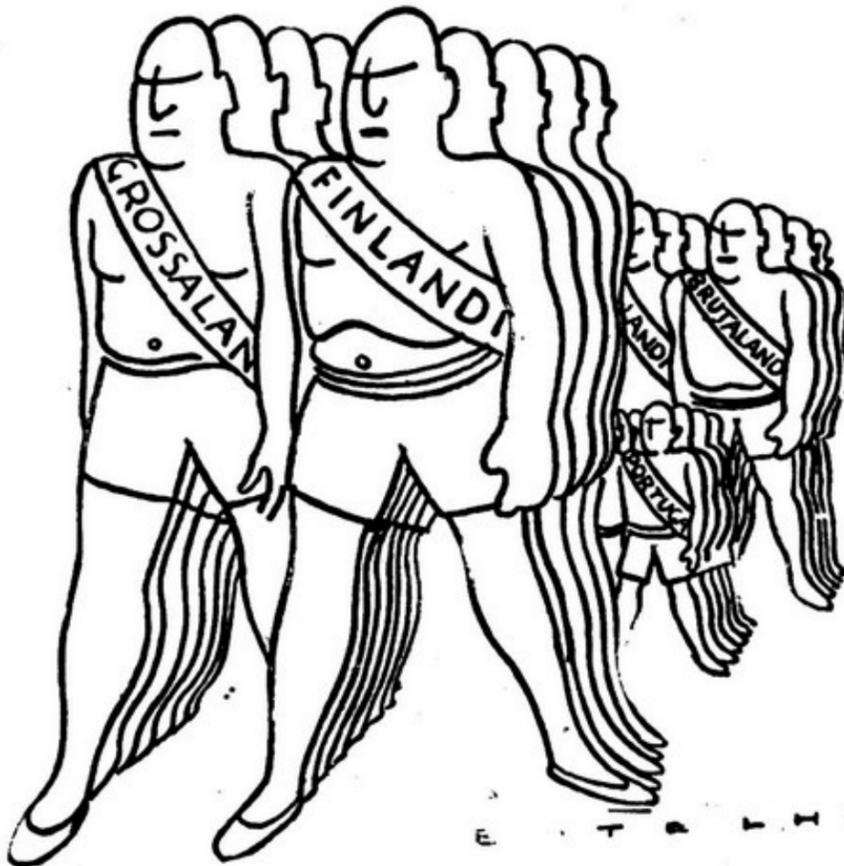
Ao prazer que causa uma grande elevação... só se pode comparar o prazer... de assistir a uma grande queda...

E' um pensamento gémeo do da-quele inglês, amator de emoções fortes, que seguia uma *menagerie* para assistir ao espectáculo no dia em que o domador fôsse comido.

Tunney não foi comido, desta vez. Mas ha de vir a só-lo...

Ou por outra: — um dia virá em que ele *come* a tarefa definitiva... e *bebe* pela medida grande...

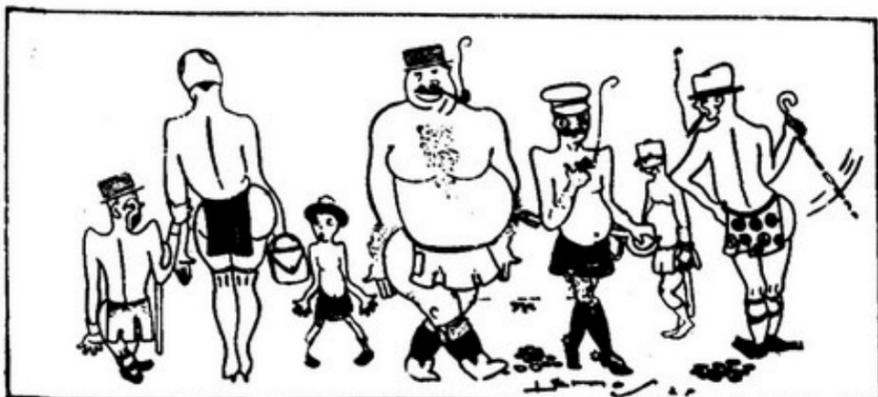
Jogos Olimpicos



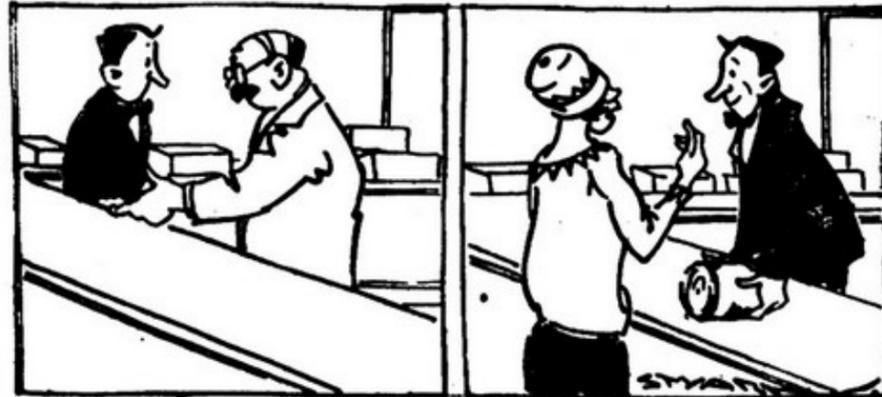
Nos jogos inaugurados hoje desfilaram 3000 atletas dos quais se destacavam os portuguezes.

(Dos jornais)

Rebola-A-Bola.



Em vista dos ultimos calores o "Diario de Noticias," previa que ainda viria a ser decretada a moda da Tanga. O "Sempre Fixe," não quer perder a primazia em apresentar os primeiros figurinos.



— Nunca se deve deixar ir um freguez sem comprar. Quando não ha um artigo mostra-se-lhe outro similar.

— Tem papel de luto?
— Não, minha senhora, mas tenho papel higienico para W. C., finissimo.

ECOS DA SEMANA

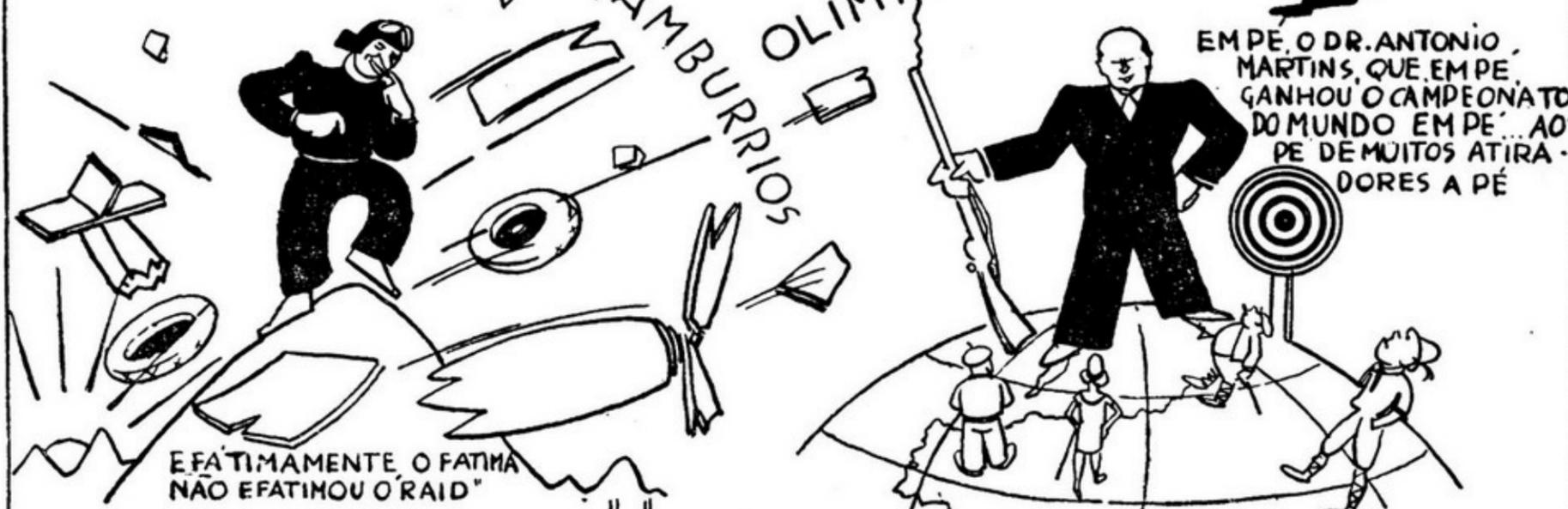
BOYELHO

OS ULTIMOS "ROUNDS" DO COMBATE - TU - HENNEY

O HENNEY FICOU EM ESTADO "TOMATOSO"



BAMBURRIOS OLIMPIADAS



EM PE, O DR. ANTONIO MARTINS, QUE EM PE, GANHOU O CAMPEONATO DO MUNDO EM PE... AO PE DE MUITOS ATIRADORES A PÉ

E FATIMAMENTE, O FATIMA NÃO EFATIMOU O RAID

HOMENAGEM A DEBUSSY

SCENA DOS PRELUDIOS DE DABLIUSSY



UM AUDAZ PERCURSOR DA MODA MODERNA PRESO EM SETUBAL

PARABENS AO POVO EM GERAL, DEZAMES AS CERVEJARIAS

26°



L'APRÉS MIDI D'UN 'FONA' DE DEBUSSY